

A hermenêutica de Mafalda Blanc privilegia o período onto-histórial em Heidegger, porquanto o próprio pensamento filosófico de Mafalda Blanc é onto-histórial. Todavia, a revisão em síntese da história da filosofia não é um fim em si mesmo; é a via de acesso, ou melhor, de regresso à origem do evento (*Ereignis*) de apropriação do ser pelo ente. É este terceiro momento da filosofia heideggeriana que se intensifica como horizonte do pensar de Mafalda Blanc, no qual se situam incisivamente os capítulos XII – “Filosofia e Teologia”, XIII – “O «Salto» – um outro modo de fundar no pensamento onto-histórial dos *Beiträge* de Heidegger”, e XVII – “Pensar a Origem”: nestes estudos, a autora não só rejeita firme e heideggerianamente a apropriação ontoteológica do sentido da origem, como busca outras possibilidades, que se inscrevem tendencialmente num pensamento revelacional.

Neste sentido, é de esperar novos capítulos e desenvolvimentos do diálogo de Mafalda Blanc com Martin Heidegger. Entretanto, *Estudos sobre Heidegger* é já um ponto culminante de maturação do pensamento filosófico de Mafalda Blanc, como membro da família de pensamento de Heidegger, e uma obra de referência nos estudos heideggerianos, nomeadamente, de língua portuguesa.

Maria Leonor Xavier
mlx@mail.telepac.pt

Marta Taffala, *Ecoanimal. Una estética plurisensorial, ecologista y animista*, Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2019.

A vitalidade actual da estética da natureza descobre-se pelo aparecimento copioso, no panorama internacional da comunidade filosófica, de conferências e cursos, de números especiais de revistas e pela recente e abundante bibliografia dedicadas ao tema. Não obstante os passos fundamentais, no sentido de indagar o sentido do esquecimento da sensibilidade perante a natureza e conceber os limites de uma revitalização da apreciação estética do mundo natural terem sido empreendidos desde logo por um autor como Georg Simmel – com os ensaios *Die Alpen* (1911) e *Philosophie der Landschaft* –, a recuperação contemporânea do tema, na sua feição multiplicadora de perspectivas e proficuas linhas de investigação

académica e profissional, coube porém a autores anglo-saxónicos como Ronald Hepburn e Aldo Leopold.

A estética da natureza, enquanto nascente disciplina de mérito próprio, define-se pela invocação e o concurso de outras áreas do saber filosófico para abordar as suas questões, pretendendo-se no processo que imprima alguma reflexividade e auxílio conceptual àquelas disciplinas vizinhas envolvidas com a projecção, concepção e desenho de espaços vividos, congregando necessariamente elementos naturais e artificiais. Como é próprio às primícias justificativas de edificação de um novo saber, os trabalhos recentes em estética da natureza são amiúde atravessados não só de temas e problemas próprios, mas de certas dificuldades dos quais ainda não se libertaram. O caso da obra de Marta Taffala é ilustrativo deste ponto.

Parece ser característica de uma fase ainda de infância desta disciplina a forma como a novidade das suas interrogações se incumbem da interpretação do seu próprio descompasso, das condições de possibilidade que presidiram à sua génese tardia, de esclarecer arqueologicamente os quadros epistémicos que favoreceram a noção de que a estética pôde desprezar o belo natural e se confundir com a filosofia da arte. Ao mesmo tempo, não é alheia a esta tarefa, por outro lado, o modo como forças históricas e sociais se colocaram na dianteira interpretativa de abundantes estudos científicos, levando, em meados do século XX, à constatação da crise ambiental e da sua instantânea tradução para as formas de vida aparentemente anódinas das sociedades democráticas baseadas na produção e consumo massificados.

A compreensão da escala, magnitude e gravidade globais da crise surge paralela à consciência da virulência de um antropocentrismo e de uma nova sensibilidade perante os múltiplos e matizados seres vivos. As formas de fauna e flora que têm acompanhado o trajecto evolutivo da humanidade, colocadas subitamente sob a ameaça permanente de uma irremediável extinção, ou relegadas a uma qualquer forma de gestão planetária em parques e reservas, patenteiam a sua alteridade justamente quando a sua fragilidade se torna por demais evidente. Numa palavra, a estética da natureza entreviu como a sua tarefa, aparentemente multifacetada, se caracteriza por fazer remontar à singularidade do trajecto metafísico da tardo-modernidade as origens da crise ambiental e do próprio esquecimento do sentimento da natureza. É assim que ela fica encarregada de trabalhar exegeticamente as interrogações acerca dos fundamentos civilizacionais para que tal fenómeno tenha sucedido, o que não deixa de obrigar a um aturado trabalho de fundo que pode facilmente incorrer em generalizações ou em denúncias mais ou menos simplistas.

A obra de Marta Tafalla coloca-nos directamente no seio das reflexões e problemas próprios a uma nova estética alodial, que se pretende livre da anterior cunhagem e adequação aos objectos artísticos e respectivas formas de apreciação, com o fim último de sustentar a importância pedagógica de uma apreciação profunda da natureza, apta a instigar caminhos de reconciliação, de sã convivência e uma apologia da biodiversidade. Dito de outro modo, o fim último da obra, não obstante a argumentação essencialmente próxima da estética, visa orientar ou criticar racionalmente a fundamentação da acção de indivíduos e comunidades na sua relação com a natureza em geral e com formas de vida em particular, sendo por isso eminentemente prático.

Ao longo de nove capítulos poderemos percorrer, de forma retrospectiva e prospectiva, o roteiro de questões que comumente presidem à reflexão associadas à recuperação da estética da natureza. Nos primeiros três capítulos procede-se ao um exame histórico da apreciação estética, do papel tradicional dos sentidos na filosofia moderna e contemporânea e dos principais argumentos e que sustentavam uma apreciação estética essencialmente votada à apreciação de arte. Ao atravessar o magistério destas questões, a autora esquadrinha os contra-argumentos com que intenta franquear a apreciação estética e libertar os sentidos do espartilho em que aparentemente estavam colocados. Este consiste, em traços largos, num dualismo metafísico integral, tributário da crítica de Theodor Adorno, que preteriu a razão em detrimento do corpo, olvidando nesse processo os sentidos do olfacto, do paladar e do toque enquanto concedendo o protagonismo aos sentidos da visão e da audição.

Uma vez aberto o leque de possibilidades da apreciação estética da natureza, os restantes capítulos intentam explorar as possibilidades perceptivas, artísticas e éticas decorrentes de um aprofundamento estético que apreenda o todo natural nos seus próprios termos, isto é, que não projecte categorias ou esquemas alheios ao ser próprios dos entes naturais ou privilegie conotações, representações e hipostasiações do mundo natural baseadas no predomínio de um sentido sobre os outros. É assim que, aceite o entrosamento da multissensorialidade com a amplitude da experiência do meio natural, a autora nos guia através das valências da apreciação estética dos animais, de um rol de artistas em *Land art*, da arte dos jardins e, por fim, das particularidades estéticas e éticas que se concentram em torno do acto alimentar e problematizam a sua pretensa e benéfica espontaneidade baseada no mero gosto.

Escrito em língua castelhana e abrangente nas suas referências bibliográficas, este livro é portanto um indicador da progressiva disseminação que a estética da natureza vai adquirindo nas várias línguas europeias. Por vezes torna-se evidente que certos capítulos vivem sobretudo a crédito da certeza da originalidade dos temas, da aura de uma novidade pioneira no desbravamento e articulação conceptual de questões que na mais das vezes têm permanecido sob a alçada da ética ambiental ou de um senso comum demasiado heterodoxo. De forma que a obra tem o mérito de arrolar e expor um rosário de temas a partir de uma perspectiva multissensorial, o que é sobremaneira útil para abordagens introdutórias e exploratórias. Invocado diversas vezes ao longo do livro, constitui também outro ponto de interesse o facto de a própria autora ser anósmica de nascença, isto é, não estar habilitada a detectar odores. Perante esta falha confessa e a experiência de uma ausência, os leitores são por isso invocados a descentrarem-se da sua normalidade perceptiva para que com isso possam apreender a demorarem-se e aprofundarem os seus modos de sentir e na sinestesia em que o olfacto, em particular, é profícuo.

Como é próprio de toda a obra vincada, as suas desvantagens compaginam-se estreitamente com os seus pontos fortes. No caso, a extensão da mesma, ao longo de nove capítulos, redundando por vezes numa insuficiente demora a respeito de alguns assuntos e da ausência de referências bibliográficas que se esforçaram por dilucidar os temas. O formato de apresentação é por vezes panorâmico, o que, não obstante ter benefícios para todos aqueles que estão pela primeira vez a abordar o tema, se salda por eles serem insuficientemente trabalhados. Por vezes parece bastar indicar a simpatia entre áreas tão diferentes como as alterações climáticas, o tratamento ético de animais e a apreciação da natureza nos seus próprios termos para que a estética da natureza se revista de uma qualquer normatividade.

A articulação entre os conceitos de capítulos distintos também poderia ser maior; por exemplo, apesar de a originalidade com que o tema do *silenciamento del yo* como condição necessária para a apreciação estética da natureza ser referida com recurso à obra de Schopenhauer, este conceito não volta nem a ser referido, nem se articula com o necessário descentramento do sujeito na apreciação estética da natureza que é requerido pelo concurso e adesão à tese da completude do conhecimento científico.

No debate entre cognitivistas e não-cognitivistas, a autora perfila-se ao lado das teses de Allen Carlson e de Yuriko Saito, atribuindo à ciência a condição necessária e suficiente para que a apreciação estética da natureza possa ser bem-sucedida, no sentido de que é a ciência que indica quais os aspectos salientes e relevantes a ter em conta na apreciação e que simultaneamente impede que a apreciação incuta uma narrativa inteiramente

subjectiva, sem relação com o ser dos objectos experienciados. Ao se estar, por exemplo, num areal em preia-mar e não se relacionar o curso das marés com a força de gravidade do nosso satélite natural seria, nesta acepção, uma falha. É neste ponto que a discussão poderia ganhar mais alento se se remetesse ao problema da delimitação do conhecimento científico (quando é que sabemos que já sabemos o suficiente para apreciar a natureza?), ao problema de experiências inclassificáveis (nem sempre está disponível o conhecimento científico para saber como apreciar certos fenómenos, como é o caso dos sons naturais) ou ainda a um certo tipo de experiências em que é precisamente a suspensão da faculdade do juízo, da subsunção do particular no geral, que permite o assomo concreto da singularidade do fenómeno estético.

Recorde-se, neste ponto, como Immanuel Kant não exclui do seu sistema filosófico a experiência estética da natureza e como o sentimento do sublime foi aliás tratado de modo profícuo relativamente ao tipo de experiências que envolvem e comprometem plenamente o sujeito, arbatando-o e deslocando-o para o regaço da natureza. Kant é referido por Marta Taffala, mas meramente à laia de um apontamento que relembre aos leitores como o olfacto, o toque e o paladar foram nesse autor apartados da visão e da audição quanto à possibilidade de formação de juízos estéticos.

Por último, uma palavra sobre a metodologia adoptada. A crise ambiental e o aparecimento tardio da estética da natureza foram imputadas ao mesmo projecto metafísico da tardo-modernidade. Sem mais referências bibliográficas, a perspectiva da denúncia do dualismo, e que nesta obra se apoia em Theodor Adorno, embora assestando para uma cisão na origem dos males que tolhem o planeta, parece não ser suficiente para estabelecer uma filosofia da sensibilidade ou da experiência estética multissensorial consentâneas à tarefa prospectiva de uma nova estética. É assim que a obra se socorre sobretudo dos resultados de diversos estudos científicos de psicologia e ciência cognitiva relativamente ao lugar dos sentidos e da razão na apreciação estética da natureza. A linguagem destas ciências está, porém, ontologicamente carregada e o uso frequente dos seus dados mereceria um enquadramento reflexivo maior que suportasse tais dados com a argumentação. De outro modo, a estética da natureza incorre no risco de se definir apenas como a leitora destacada da bibliografia científica atinente ao tema, o que é manifestamente insuficiente. Por outro lado, o recurso em nome próprio a vastos exemplos casuísticos, usados para ilustrar ou infirmar uma tese, pareceria invocar também a evidência de referências bibliográficas ou de uma filiação ligada ao pragmatismo ou à fenomenologia. Apesar de estas dificuldades ligadas à infância de

uma disciplina amplamente interdisciplinar, cremos que como introdução aos temas e às principais questões envolvidas a obra *Ecoanimal* se presta como um guia excelente.

Tiago Carvalho
tbmcarvalho@yahoo.com

Victor K. Mendes e Patrícia Vieira (editores), *Portuguese Literature and the Environment*, Lanham-Boulder-New York-London: Lexington Books, 2019, 227 pp.

O interesse pelos assuntos portugueses nos EUA está muito longe da irrelevância de que alguns de nós, mesmo nos meios académicos, imaginam ou até sustentam. Quem visite o extraordinário espólio bibliográfico ao serviço dos estudos portugueses em Bloomington, um dos núcleos da Universidade de Indiana, construído em torno do legado de Charles Boxer, facilmente perceberá a validade desta afirmação. Recordemo-nos, ainda, dos ensaios notáveis de Kenneth Maxwell sobre o mercantilismo português, e a acção política do Marquês de Pombal, ou o importantíssimo contributo de William J. Simon para resgatar do esquecimento as longas e aventurosas viagens dos naturalistas portuguesas pelas sete partidas do Império, sob o impulso da Academia das Ciências de Lisboa, a partir de 1783, durante o reinado de D. Maria I. Não pode ser ignorado, contudo, que uma parte significativa do interesse pela cultura nacional e de expressão portuguesa se deve ao empenho de cidadãos portugueses radicados nos EUA, envolvidos na diáspora académica, como foi o caso de Jorge de Sena, ou o é ainda o de Onésimo Teotónio de Almeida. Penso que a obra que aqui se apresenta, combina um pouco dessas duas vertentes que alimentam os estudos lusófonos na federação norte-americana. Refiro-me à publicação pela prestigiada Lexington Books duma obra dedicada a divulgar (e estimular) investigação internacional sobre os modos de representação dos temas ambientais na literatura e no pensamento nacionais: *Portuguese Literature and the Environment*.

O projecto é da responsabilidade editorial de Victor K. Mendes (Universidade de Massachusetts Dartmouth) e de Patrícia Vieira (Universidade de Georgetown), a quem cabe também, além do seu capítulo,